

O livro-reportagem e suas especificidades no campo jornalístico¹

*Paula Melani Rocha*²

*Cintia Xavier*³

1 A discussão iniciou em 2012 e parte dela foi apresentada no 10º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor).

2 Professora Adjunta do Departamento de Comunicação da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) nos cursos de graduação e mestrado em Jornalismo. Pesquisadora e colaboradora do LABJor/UNICAMP. Pós-doutora em Jornalismo pela Universidade Fernando Pessoa. Doutora e mestre em Sociologia pela UFSCAR. pmrocha@uepg.br.

3 Professora Adjunta do Departamento de Comunicação da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) nos cursos de graduação e mestrado em Jornalismo. Doutora em Comunicação pela Unisinos. cintia_xavierpg@yahoo.com.br.

Resumo

O artigo proposto traz algumas reflexões sobre o processo de produção do livro-reportagem e o conhecimento no campo do jornalismo. Ele discute as interfaces com gêneros como interpretativo, investigativo, literário e elabora especificidades próprias por ser um suporte específico com estrutura e linguagem diferenciada. Nesse sentido, o livro-reportagem é mais do que uma "extensão da reportagem". A metodologia adotada envolve pesquisa bibliográfica e uma reflexão propositiva. A discussão pretende contribuir para os estudos sobre jornalismo e livro-reportagem bem como para a produção do próprio produto que vem crescendo tanto na academia como também no mercado editorial.

Palavras-chave

Jornalismo, livro-reportagem, processo de produção jornalística.

Abstract

The present paper does a reflection about the journalistic production process the reporting book and the knowledge in the field of journalism. It discusses the interfaces with genres like interpretative, investigative, and literary and develops own specificities to be a specific support with differentiated structure and language. In this sense, the booking report is more than an "extension of the reportage". The methods adopted are bibliographical research and a propositive reflection. The discussion aims to contribute to the studies of journalism and reporting book as well as for the production this kind of book that is growing in the academy and in the publishing market.

Keywords

Journalism, book-report, journalistic production process.

As empresas de jornalismo na contemporaneidade revelam uma preocupação em não perder mercado. Mas esta busca não é exclusiva da atualidade. A análise dos paradigmas do jornalismo mostra que a emergência dos gêneros é fruto da preocupação em atrair público frente às transformações políticas, sociais, econômicas, tecnológicas e culturais e ao surgimento de novos meios também. Porém, como mostra E. Neveu (2003), o jornalismo dos últimos anos tem passado por uma "acumulação sem precedentes de desafios e crises". O autor pontua que isso se deve à queda de regimes não democráticos em alguns países, somado ao desenvolvimento das tecnologias no interior das redações e à chegada dos multimeios, os quais "redefiniram as competências profissionais, ameaçando banalizar o jornalismo num *continuum* das profissões da comunicação" (2003, p.115). Ele completa que a escalada comercial incorporada pelos grupos de comunicação social fragilizou a "autonomia do trabalho jornalístico". Para P. Meyer (2004), o mundo capitalista vive seu terceiro estágio, o pós-industrial, como mostram os historiadores, no qual há uma transferência da atividade econômica da indústria para os serviços. E o jornalismo, neste novo cenário de busca de sobrevivência como negócio somado aos avanços da tecnologia, ingressou em um novo paradigma.

Há aproximadamente dois anos, a direção da empresa *Folha de S. Paulo*, preocupada com a queda na venda dos impressos, propôs uma nova estratégia aos profissionais do jornal *Folha de S. Paulo*. A ideia era alterar a estrutura dos textos. Ao invés do discurso iniciar-se com o *lead*, passaria a destacar o primeiro parágrafo sobre o fato em relação ao restante do corpo do texto, em *bold*. O abre traria uma retórica mais livre, com o intuito de fisgar o leitor, aproximando-se do conhecido "nariz de cera". Seria a inversão do formato da pirâmide invertida para uma pirâmide normal, permitindo organizar os detalhes do fato já no início do texto, possibilitando até uma estrutura para privilegiar a ordem cronológica. Assim, o formato que continha as informações mais importantes no início, seguidas pelas atuais e depois pelos detalhes, tão discutido nos manuais da empresa e reiterado nas últimas reformulações do respectivo

jornal, a partir de então não pesaria mais. Para os jornalistas envolvidos, era uma ruptura da cultura interna e isto levaria tempo.

De acordo com C. Chaparro (2006), os avanços da tecnologia e a rapidez da informação instigam o jornalista de hoje não apenas a narrar o que acontece, mas também a ser capaz de compreender e atribuir significados aos fatos. Para ele, a dificuldade não está nas ferramentas e sim na capacidade intelectual para apreender e compreender os acontecimentos. O interessante é notar que a nova norma adotada pela empresa se espelha em um modelo já utilizado pelo jornalismo em diferentes países e que ficou conhecido como “modelo francês”, ou, ainda, jornalismo literário. É claro que não se trata de uma cópia idêntica à explorada no século XIX, porém pode-se dizer que traz algumas características já conhecidas neste campo.

O exemplo aqui apontado é para ilustrar que, embora o jornalismo tenha passado por transformações ao longo de sua história, surgiram novos paradigmas (informativo, opinativo, interpretativo, sensacionalista etc.) e novos meios. Mas um não anula completamente o outro, eles coexistem em um mesmo período, sejam os meios ou os paradigmas, há uma dinâmica de trocas e experiências, não é um processo estático. O jornalismo está inserido na sociedade e seu desenvolvimento dialoga com o contexto histórico, político, econômico, cultural, tecnológico, social e, conseqüentemente, com a dinâmica da sociedade.

Dentro da perspectiva do desenvolvimento do jornalismo, de invenção e reinvenção de técnicas, procedimentos e modelos, além da inovação de meios e suportes, encontra-se o livro-reportagem. Este modelo vem crescendo no circuito editorial. Entre os motivos para o aumento no número de publicações de livro-reportagem estão: a queda do custo da impressão, a possibilidade de publicar em novas plataformas, o interesse do público, e também ser uma alternativa aos profissionais jornalistas de desenvolverem, por meio de um suporte específico, um texto diferenciado da prática das *hard news*. Pereira Jr. atribui sua florescência à prática do jornalismo investigativo como

uma disciplina autônoma, fruto do vácuo das debilidades da imprensa na contemporaneidade. “Ganhou combustíveis em países com universidades, instituições e editoras financiando projetos que envolvem apuração de fôlego, mesmo fora das Redações e em livros-reportagem” (2006, p.76). Frente a esses desdobramentos, é também papel da academia refletir sobre conceito do livro-reportagem, sua gênese, o conhecimento que o norteia no campo jornalístico bem como suas especificidades.

O artigo tem como propósito agregar a essas discussões. Para isso, ele traz alguns pontos que envolvem o processo de produção desse suporte específico, considerando desde a seleção do tema (pauta) que será reportado, os conceitos de noticiabilidade envolvidos nesta etapa, passando pela apuração (pesquisa, documentação, entrevista, observação e checagem), construção do texto (linguagem, estrutura, formato, contextualização e verificação), edição, até a veiculação. A verificação é um elemento presente em todas as etapas da elaboração do livro-reportagem. Sabe-se que esses procedimentos constituem o fazer jornalístico, no entanto são trabalhados de forma diferenciada de acordo com as características específicas de cada meio, linha editorial e gênero jornalístico. A discussão proposta não envolve uma linearidade. Ao contrário, ultrapassa a abordagem dos procedimentos e busca apontar como o suporte livro-reportagem dialoga com eles.

O elo entre livro e jornalismo: alguns apontamentos sobre sua gênese

Há registros que datam do século XVI, após o advento da prensa, do livro como sendo um suporte jornalístico. Segundo J. Sousa (2008), o livro noticioso caracterizou-se como um “novo fenômeno pré-jornalístico”, uma espécie de “*anuários noticiosos*”, contemplando ambições historiográficas e jornalísticas, em um momento em que estas fronteiras ainda não estavam definidas. Muitos eram escritos em latim, pois era a “língua franca” da época, ou seja, a mais falada. O austríaco M. Aitzinger parece ter sido um dos pioneiros na publicação do

livro noticioso, com periodicidade semestral, durante o período de 1587 a 1598. Editava compilações resumidas das principais notícias “com valor histórico” que circulavam nas folhas volantes, as quais ele tinha acesso (SOUSA, 2008). No entanto, ele não era o único.

A presença do livro no universo do jornalismo persiste pelo decorrer dos anos. Ainda na primeira metade do século XVIII, o jornalista e escritor inglês D. Defoe escreveu o romance “As aventuras de Robinson Crusoe”⁴. No século XIX, o francês H. Balzac contribuiu para o jornalismo. Como pontua Neveu (2003), o *New Journalism* oriundo dos anos 1960 transcende a “clivagem jornalismo/literatura”. Outros exemplos são Gustave Flaubert e Eça de Queiroz que se preocuparam com a descrição sobre o comportamento social no estilo romance realista. Emile Zola também despertou no século XIX com o romance “Germinal” que ele denominou de “naturalismo literário”. Zola foi trabalhar em uma mina de carvão, a qual entrou em greve. Ele atuou como “repórter” e após a experiência etnográfica, com uma linguagem concisa, ele ilustra a vida política e social da época e a situação precária dos mineradores na França. No Brasil, nesse mesmo período, o jornalista e escritor Euclides da Cunha foi à região de Canudos como correspondente do jornal *O Estado de S. Paulo*. No entanto, enquanto correspondente do jornal, Euclides da Cunha enviava relatos favoráveis ao exército chegando a elogiar a bravura dos combatentes do Primeiro Batalhão da Polícia Paulista. Foi somente no livro que ele assumiu o tom crítico à ação do Governo, baseado em fontes diversas (PILAGALLO, 2009).

Neveu (2003) traça um silogismo dos escritores e jornalistas dos séculos XVIII e XIX mostrando a contribuição deles no modelo que Wolf define como do *New Journalism*, em especial, “a ideia era fornecer a descrição objectiva completa, e ainda outra coisa que os leitores encontravam nos romances novelas: concretamente, a vida emocional e subjetiva dos personagens” (WOLF, 1975, p. 35). E. Neveu (2003) reitera isso no trabalho desenvolvido pelos romancistas realistas/naturalistas para a construção da obra.

4 N.R.: *The life and adventures of Robinson Crusoe* (título original)

É notável o legado de jornalistas e escritores como E. Hemingway, J. Steinbeck para o *New Journalism*, no sentido de poder olhar a sociedade sobre outro viés, que nas palavras de E. Neveu (2003, p.98) é estar atento a “uma imagem da sociedade vista de baixo”. T. Wolfe (1975, p. 22) define o *New Journalism* como: “(...) a descoberta que mostrava ser possível descrever um jornalismo que pudesse ser lido...”, tendo como expoentes grande parte da equipe da revista *New Yorker*, J. Hersey, G. Talese, T. Wolfe, T. Capote e N. Mailer. A revista viabilizava um espaço de publicação maior para os textos, reeditados posteriormente em formato livro.

A utilização do livro como suporte para o jornalismo não é atual, mas nem todo livro corresponde a não-ficção. Considera-se um livro-reportagem quando uma obra trata de acontecimentos ou de fenômenos reais e utiliza, para sua produção, procedimentos metodológicos inerentes ao campo do jornalismo, sem, contudo, descartar certos nuances literários. No âmbito da ciência, a classificação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), considera o livro-reportagem como um campo de conhecimento dentro da área da Comunicação, que por sua vez pertence à grande área das Ciências Sociais Aplicadas. Para entender melhor o conhecimento que norteia o livro-reportagem é necessário se debruçar sobre alguns conceitos contemplados pelas teorias do jornalismo.

Conceitos de jornalismo observáveis à produção do livro-reportagem

Entende-se que há necessidade de apontar aspectos similares entre a produção jornalística e a produção do livro-reportagem. Para tanto, se estabelece os itens característicos do jornalismo e se compara com o que é possível encontrar na produção de um livro-reportagem.

Identifica-se de quatro a cinco elementos constitutivos do jornalismo. Entre eles, Fontcuberta (1999) destaca no discurso jornalístico tradicional cinco características: interesse público, periodicidade, novidade, atualidade e

veracidade. Para a pesquisadora (FONTCUBERTA, 1990) três características permanecem mais visíveis apesar de mudanças e contradições da produção jornalística: acontecimento, atualidade e período.

De antemão pode-se apontar o acontecimento e a atualidade como aspectos facilmente identificáveis para a produção do livro-reportagem. Nota-se que o acontecimento encontra observação e estudos tanto no jornalismo quanto nos conceitos da história.

Ao seguir o caminho traçado por Fontcuberta (1999) há, portanto, o acontecimento como matéria-prima para jornalistas, historiadores e sociólogos. Os jornalistas buscam o acontecimento a partir de uma unidade, em alguns casos é interpretado como um acidente, mas sempre pode ser observado por seu potencial de modificar uma estrutura, oferecer rupturas, em certo período e espaço (RODRIGUES, 1993). As relações entre o passado e o presente fazem parte do horizonte do historiador e do jornalista. Para Nora (1979, p. 244) o acontecimento está atrelado a atualidade: [...]“é que a atualidade, essa circulação generalizada da percepção histórica, culmina num fenômeno novo: o acontecimento”. Além disso, a produção do acontecimento está ligada em boa medida a produção noticiosa da mídia (NORA, 1979).

“No entanto, o acontecimento não tem o mesmo sentido para o historiador e para o jornalista, pois os seus pontos de vista diferem: o primeiro busca uma série de fatos, enquanto o segundo espera encontrar o fato único” (FONTCUBERTA, 1999, p.15). O livro-reportagem por sua vez pode estar no meio dos dois interesses, é menos abrangente que o do historiador, mas mais amplo do que o do jornalista, pelo menos aquele dedicado ao noticiário.

A questão da atualidade é cara ao jornalismo e muitas vezes pouco compreendida. Porque por vezes existe certa confusão entre as zonas de interesse para a construção da história e para a construção de sentido via jornalismo. Em alguns assuntos questiona-se determinado acontecimento deveria ser abordado pelo historiador ou pelo jornalista. Especialmente quando

o acontecimento não recente, imediato, parece que deveria ser abordado pela história. Não há um limite entre onde termina o jornalismo e começa a história, especialmente quando entende-se que o livro-reportagem auxilia na construção de sentidos. Não que a notícia não faça a construção de sentidos (TUCHMANN, 1983) mas a reportagem e seus desdobramentos podem oferecer contextos e novas abordagens para determinados fatos, a partir da compreensão de acontecimentos reconfigurados. As relações entre jornalismo e história podem ser visualizadas ainda quando estas se utilizam da memória como fonte e método para as abordagens. Christa Berger (2008) explica entre vários possíveis o uso da memória como instrumento para elaboração do passado e reconfiguração da história oficial.

A história (disciplina acadêmica) contribuiu com o desenvolvimento da cultura da memória. A preocupação com os pormenores cotidianos, os restos, os detalhes deixados de lado pela historiografia tradicional, a inclusão da perspectiva dos indivíduos sem importância, a presença da história oral, das fontes testemunhais (BERGER, 2008, p.25).

Da atualidade jornalística pode-se dizer que “o tempo é um elemento básico para distinguir a notícia de outro tipo de informação” (FONTCUBERTA, 1999, p. 18). Três itens devem ser levados em conta na relação jornalismo e atualidade: ser recente, ser imediato e que circule (FONTCUBERTA, 1999). Por outro lado, ao observar a definição de atualidade jornalística por Fontcuberta percebe-se a fragilidade do conceito: “Assim, chamamos de atualidade jornalística a uma série de fatos recentes ou imediatos difundidos através dos meios de comunicação social” (FONTCUBERTA, 1999, p. 19). Por fim, tem-se a periodicidade como um conceito que vai determinar o que é atualidade.

Procedimentos para a produção do livro-reportagem

O jornalismo pode ser considerado como um processo de conhecimento, como discute Sponholz (2009, p.105) na medida em que “obedece às mesmas regras dos processos de conhecimento em geral” na construção da realidade em um procedimento “perspectivo, seletivo e construtivo”. Assim, o jornalismo é uma forma de conhecimento marcada por aspectos subjetivos, no entanto mantém uma correlação “entre o mundo exterior ou realidade primária e a realidade midiática”.

A realidade midiática que resulta do processo de conhecimento jornalístico contém aspectos tanto subjetivos quanto objetivos. A separação do sujeito e objeto – como os defensores de algumas noções tradicionais de objetividade pregam – é não só desnecessária, como também questionável (SPONHOLZ, 2009, p.105).

O que afasta de acordo com a autora o jornalismo do senso comum é justamente a utilização de regras profissionais, e porque não método, no conhecimento da realidade. Esse método significa os procedimentos sistemáticos adotados pelo jornalista durante o processo de produção jornalística. O processo de produção jornalística, segundo Traquina (2005), inicia na seleção dos acontecimentos e termina na construção final da notícia. Em todo este percurso há um conceito chave para o jornalismo, o qual corresponde aos valores-notícia. Wolf, (1995) mostra que em cada uma das fases do processo de produção há diferentes categorias de valores-notícia. Sponholz (2009) argumenta que esses procedimentos envolvem uma série de decisões que exigem uma racionalidade.

N. Traquina (2005) acrescenta ainda os valores-notícia segundo a concepção da empresa jornalística, linha editorial do veículo e a própria organização jornalística da empresa referente à linha de produção. Os valores-notícia também podem ser associados aos conceitos de atualidade e

acontecimento. Justamente porque o valor-notícia observa o acontecimento que “provoca uma mudança e uma nova organização do seu próprio sistema” (FONTCUBERTA, 1999, p. 15).

Os valores-notícia são constitutivos do processo produtivo do jornalismo e se a produção do livro-reportagem deve levá-los em consideração, há outros procedimentos que também devem orientar a produção do livro. Pode-se estabelecer relação com o processo de apuração, o levantamento de dados, também entendida como pesquisa. A apuração surge com a pauta e se desdobra na busca e orientação pelas prováveis fontes, na reflexão pela escolha do tipo de fontes que será utilizado (BORRAT, 2006; MARTINI, 2000; GOMIS, 1991). A apuração conta com análise de documentos, pesquisa do tema, observação do jornalista tanto das fontes como do ambiente e acontecimentos que norteiam o tema, entrevista a fontes primárias e secundárias e checagem de todos os dados levantados para aferir a autenticidade dos mesmos. Nesse aspecto é interessante confrontar as informações. Como coloca Pereira Jr. (2006, p.71-72) o trabalho do repórter não termina no momento em que ouve as duas “versões”, ou os “dois lados”. Pelo contrário, “o feijão-com-arroz do repórter e do editor é impedir a publicação de versões que se anulam. Onde o que é dito por uma fonte é apenas contradito por outra, sem maior checagem”. Isso consuma como um desserviço ao público. “Dar sentido aos fatos é encontrar tal “unidade”, testar cada contradição de versões até não sobrar incongruências, fazendo *check list* das afirmações e deletando as não confirmadas por mais de duas fontes, como apregoa a tradição do Washington Post” (PEREIRA JR., 2006, p.72). Caputo (2006) reitera a necessidade de confrontar cada informação conquistada pelo jornalista com novos problemas e novas entrevistas. Na construção do livro-reportagem a fase da apuração está presente em todo o processo de produção, até no momento da edição do suporte ela é fundamental.

Pereira Jr. (2006) considera necessário aplicar uma disciplina de verificação durante toda a rotina, criando antídotos para as incertezas na construção da realidade. Para o autor, ela deve ocorrer em três momentos numa reportagem:

no planejamento da apuração, na revisão do material apurado e na revisão das informações editadas. O autor sistematiza que os passos da investigação jornalística iniciam na elaboração da pauta, passam pela pré-produção e produção e finalizam na fase da pós-produção. É contínuo, não se esgota em cada etapa. O processo de produção do livro-reportagem se distingue assim dos demais, porque além da disciplina de verificação e investigação ser necessária em todas as etapas, a fase de apuração também se estende até a versão final. Os procedimentos do processo de produção dialogam durante todo o trabalho.

Para C. Chaparro (2006), se o jornalista incorporasse alguns procedimentos científicos, mais especificamente um método de pesquisa, com recorte do objeto, investigação, verificação, aferição, contextualização e profundidade, o seu trabalho seria mais confiável e menos superficial. Ele produziria mais habitualmente grandes reportagens e reportagens especiais, pode-se acrescentar aqui o livro-reportagem já que se trata de um suporte que consome e tensiona mais elementos do jornalismo.

A pesquisa e o documento são fontes primordiais nas abordagens investigativas e também na elaboração do livro-reportagem. Ao partir do pressuposto que o livro-reportagem trabalha com os procedimentos do jornalismo e trata de um fato ou fenômeno real, para construí-lo é necessário dispor de informações e subsídios concretos. A contextualização, mencionada por Chaparro (2006), é fulcral na estruturação do texto do livro-reportagem. Por fim, e não menos importante, está o processo de aproximação das fontes de informação. As escolhas de quais serão as fontes estão relacionadas com a forma de abordagem da pauta. Essa escolha exige um método, pois não ocorre de forma aleatória, o jornalista busca as fontes quem tem algo para lhe informar sobre o assunto que está apurando. No caso do livro-reportagem a preocupação estará ligada à abordagem. Os tipos de informantes escolhidos pelos jornalistas vão determinar qual é o tipo de abordagem dada ao assunto. Rodriguez (1994) indica procedimentos para estabelecer o contato com as fontes por ordem de importância, por exemplo, sondar antes as fontes secundárias, por último as

primárias, e de crítica, consultar antes as fontes desfavoráveis, em seguida as técnicas e neutras e por fim, as favoráveis.

As fontes são normalmente classificadas pelo nível de confiança atribuída pelo repórter. A classificação mais comum é a que agrupa: as fontes oficiais (Santos, 2001) também identificadas como habituais (GOMIS, 1991); as regulares (SANTOS, 2001); as ocasionais (SANTOS, 2001). Há também as fontes não personalizadas ou quase anônimas em geral são testemunhas oculares (MARTINI, 2000).

A escolha do tipo de fontes pode estar articulada com os procedimentos apontados por Neveu (2003) de uma espécie de viagem etnográfica, com a pesquisa participante, juntamente com uma tipologia das entrevistas. O jornalista se aproximaria ao ofício do etnógrafo que observa determinada cultura e traz apontamentos e detalhes a partir da descrição densa (DURHAN, 1986; TRAVANCAS, 2006; LAGO, 2007).

A observação da escolha de fontes para a construção do livro-reportagem pode passar pela busca do que Marocco (2008) chama de giro no tratamento da fonte jornalística. Sair do procedimento convencional de tratar apenas com fontes confiáveis e trabalhar com a fonte como sujeito do próprio discurso. Seguindo esta linha a fonte: "não corresponde à autoridade, não tem o ônus da prova, nem da verdade e nem terá uma forma jornalística prescrita nos livros de estilo" (MAROCCO, 2008, p.48). Ao defender a necessidade de trabalhar com as fontes "menos confiáveis" a autora defende maior equilíbrio e intervenção na realidade construída. O livro-reportagem necessita de um maior número de fontes na obtenção de dados e informações para tratar do tema. Além disso, ele permite usar mais livremente fontes inanimadas como livro, tese dissertação, letra de música, análise de um instituto de pesquisa entre outros.

Outro procedimento adotado no livro-reportagem é a humanização, ou seja, aproximar dados e informações do leitor, fazendo o movimento de deslocamento de algo universal para o âmbito particular ou pessoal, ou do

abstrato para o concreto. Nesse sentido, as fontes sejam oficiais ou não, ou oficiosas aparecem como personagens e podem receber tratamento isonômico não hierárquico.

Genro Filho (1988) mostrou como o jornalista trabalha com as categorias particular e universal na produção de um texto. A singularidade torna-se a característica principal do jornalismo como tipo de conhecimento e por outro lado o impede de ser classificado como ciência. Mas isso não significa que o jornalismo não adquira conhecimento. O contexto pede para trazer os antecedentes e precedentes do tema e não apenas mencioná-los, mas sim articulá-los na busca de um entendimento do fenômeno, não se limita ao trabalho de apreender fato em si, como na notícia. Trabalhar o singular e o contexto do particular de aspectos universais é utilizar do recurso da humanização. Pereira (2006, p.96) critica a falta de humanização dos textos:

Desumanizar é, por óbvio, tratar de pessoas como quem fala de fenômenos climáticos ou estatísticos. Mas é também a fragmentação dos sentidos, a superficialidade, a falta de contextualização ou o distanciamento acríptico das situações, [...], que quase sempre são desmentidos por apuração mais rigorosa dos incidentes.

Porém, tem que atentar-se para o cuidado de não banalizar a humanização ou explorar a vivência das fontes para despertar a "emoção do leitor", a linha que separa este recurso na construção do texto do sensacionalismo é muito tênue.

A observação também faz parte da apuração e trata-se de uma das competências do profissional. O jornalista tem que estar atento a tudo, pois gestos, atos, movimentos, cenas, ambientes também informam, mesmo a ausência é uma informação. A observação do jornalista deve ser traduzida em dados na construção do texto, não de forma exaustiva e descritiva, mas agregando conteúdo ao tema reportado. O senso apurado de observação capacita o repórter a apreender melhor os elementos que cercam a investigação. A ida a

campo faz parte do processo de produção do livro-reportagem, é difícil imaginar sua inexistência na concretização desse suporte.

A construção do texto faz parte da produção jornalística. Como foi mencionado anteriormente, no caso do livro-reportagem ela compartilha com a apuração. É complicado determinar a zona de fronteira entre ambas. A retórica utilizada no livro-reportagem difere-se dos outros formatos jornalísticos (notícia, reportagem, nota) não pela simples constatação de ser mais extensa, mas por ter a possibilidade de mesclar diferentes gêneros: interpretativo, investigativo e literário. Chaparro (2008) defende que os gêneros jornalísticos estão atrelados a uma prática. Já Sponholz (2009) considera que o processo de produção depende do desenvolvimento técnico, do meio de comunicação e do gênero jornalístico. O livro-reportagem constitui um suporte próprio distinto dos outros meios (jornais, revistas, televisão, rádio, internet) e também dialoga com diferentes gêneros, logo seu processo de produção possui especificidades que o distingue dos demais. Diluem-se os limites de cada etapa da produção jornalística na concretização do suporte. E no que diz respeito ao gênero, apresenta um aspecto híbrido.

Embora um gênero possa se sobressair ou não, percebe-se a presença do investigativo na medida em que pede um trabalho de investigação na busca de informações até então não reveladas, denunciar o vazio das políticas públicas, desigualdades e mazelas sociais. É colocar em prática o papel de guardião do jornalismo, de reportar sobre assuntos ocultos ou ocultados por pessoas ou instituições e que são de interesse público. O jornalismo investigativo deve ir além do simples monitoramento das ações do governo, mas perceber vidas anônimas, invisíveis aos olhos da sociedade mesmo vivendo nela (KOVACH; ROSENSTIEL, 2003).

Essa prática exige um esforço maior no processo de apuração, um conhecimento mais apurado sobre o assunto. Para Reyes (1999, p.6):

Esta obra concebe o jornalismo investigativo como uma disciplina que requer mais tempo, dedicação e profundidade que o trabalho de relatar notícias sob pressão do fechamento. As reportagens investigativas geralmente aludem a um tema controverso que alguém deseja manter oculto.

Assim, por demandar procedimentos próprios para investigar e apurar o tema, o jornalismo investigativo caracteriza-se como um gênero específico. “Se alguma lição foi aprendida [...] [foi] a necessidade de considerar a informação como algo susceptível de ser trabalhado mais a fundo, de ser documentado, ampliado, verificado, contextualizado, indagado e investigado sob todos os ângulos” (LOPES; PROENÇA, 2003, p. 10).

Não menos importante encontra-se o gênero interpretativo. Ele desponta em um momento em que o leitor precisava de mais informações para entender a complexidade dos rumos do mundo no período entre as duas Grandes Guerras. Em 1923 surge a revista Time, um dos primeiros veículos especializado em interpretação, propondo uma cobertura mais completa que a notícia, incluindo os antecedentes, significados e o contexto. Bond (apud Erbolato, 1979, p.32) considera que “...o jornalismo moderno se encarrega não só de noticiar os fatos e as teorias, mas proporciona ainda ao leitor uma explicação sobre eles, interpretando e mostrando seus antecedentes e suas perspectivas. Tudo isso com o propósito de ajudar o homem a compreender melhor o significado do que lê e ouve.” A pergunta que norteia o trabalho do jornalista não é “o que?” e sim “por que?”. O jornalista Alberto Dines relaciona o jornalismo interpretativo com o investigativo, pois também busca oferecer algo mais para o leitor: dimensão, história, a interligação com outros fatos, incorporar o fato a uma tendência (humanização) e projeção (ERBOLATO, 1979). Esse esforço de levantar mais informações e trabalhá-las conjuntamente delimita as particularidades que o definem como gênero interpretativo, como bem coloca Seixas (2009, p.66):

1) o fato é tratado como acontecimento, ou seja, gera uma discussão sobre a realidade contextual; 2) as técnicas produtivas são particulares, como sugere Beltrão – identificação do objeto, que deve ter valor absoluto de notícia; decomposição da ocorrência em elementos básicos e investigação dos valores essenciais para estruturação da informação; redação do texto de forma que o leitor seja capaz de, por si próprio, interpretar a ocorrência; e 3) a unidade interpretativa permitiria uma dose maior de análise crítica do autor-jornalista, incluindo adjetivos, advérbios e abolição do lead.

Essa maior liberdade que o formato livro-reportagem viabiliza, permite utilizar também dos recursos do discurso do gênero literário. Neveu (2006) observa que os tipos de discursos da imprensa veiculam visões de mundo e possibilitam ao público entender a realidade. O jornalismo literário sai das amarras do *hard news* e projeta vôos mais livres.

O discurso na construção do texto dos gêneros expostos acima dialoga com os procedimentos da apuração (entrevista, observação, documentação, pesquisa e checagem) mencionados anteriormente assim como com o próprio formato do suporte livro-reportagem. Não tem como desconsiderar todos esses elementos no processo de produção do livro-reportagem, desde a seleção do tema, passando pela apuração, construção do texto, edição e veiculação. Lembrando que a apuração, construção do texto e edição ocorrem concomitantemente no livro-reportagem. E é justamente essa inter-relação entre todos esses fatores elencados, ora se sobressaindo um ou outro, ora não, que consiste as especificidades do suporte e o afasta de uma visão singela de que ele é apenas uma extensão da reportagem.

Considerações finais

Se há a defesa do livro-reportagem como peça jornalística, ele deve ter um processo produtivo com aproximação da rotina jornalística. Não cabe estabelecer a relação entre livro-reportagem e jornalismo, a partir dos conceitos de notícia e reportagem, propondo que o primeiro estaria num processo ampliado

em relação ao segundo. Ao longo do presente texto elencou-se uma série de procedimentos e práticas que estão articuladas com os métodos encontrados na prática do jornalismo para a produção do livro-reportagem. Nestes termos, o livro-reportagem é um suporte específico e híbrido no que diz respeito aos gêneros jornalísticos e à retórica utilizada na construção do texto. Embora a relação entre livro e jornalismo data do século XVI, ela foi transformando-se ao longo da história, assim como a própria história do jornalismo, surgiram novos gêneros, paradigmas e meios.

Os procedimentos metodológicos adotados na produção de um livro-reportagem são semelhantes aos que compõem o processo de produção jornalística de uma reportagem ou grande reportagem, no entanto, suportes diferentes e suas especificidades no tratamento destes procedimentos devem ser consideradas. No livro-reportagem, o processo de produção e construção textual configuram um movimento espiral, estabelecendo um diálogo em todo seu percurso. O suporte livro-reportagem exige um número suficiente de informações, dados, fontes, depoimentos para que contemple o conteúdo e o volume de um livro sem desfigurar sua relação com a realidade, sem migrar para a "invenção", ou mesmo ficção. O que não o impossibilita de disponibilizar dos recursos do jornalismo literário.

Referências

- BERGER, C. "Lembrar, esquecer, narrar, expor, anistiar, cobrar". Política de memória midiaticizada. In: *Ilha do presídio: uma reportagem de ideias*. Porto Alegre, Libretos, 2008.
- CAPUTO, Stela Guedes. *Sobre entrevistas: teoria, prática e experiências*. Rio de Janeiro, Vozes, 2006.
- CHAPARRO, Carlos. "De como a ciência pode ajudar a notícia". *Midiagem - Assessoria de Imprensa*. Disponível em: www.midiagem.com/assessoria/nota2.htm. Acessado em: 20 mar. 2006.
- DURHAM, E. R. (org.). *Malinowski*. São Paulo, Ática, 1986.
- ERBOLATO, M. *Técnicas de codificação em jornalismo*. Petrópolis, Ed. Vozes, 1979.
- FONTCUBERTA, M. *A notícia: pistas para compreender o mundo*. Lisboa, Ed. Notícias, 1999.
- GOMIS, L. *Teoría del periodismo*. Barcelona, Paidós, 1991.
- LAGO, C. "Antropologia e jornalismo: uma questão de método". In: LAGO, C.; BENETTI, M. *Metodologia da pesquisa em jornalismo*. Petrópolis, Vozes, 2007.
- LOPES, D. F.; PROENÇA, J. L. *Jornalismo Investigativo*. São Paulo, Publisher Brasil, 2003.
- KOVACH, B.; ROSENSTIEL, T. *Os elementos do jornalismo: o que os jornalistas devem saber e o público exigir*. São Paulo, Geração Editorial, 2004.
- MAROCCO, B. "Reportagem de transgressão, um giro no tratamento da fonte jornalística". In: *Ilha do presídio: uma reportagem de ideias*. Porto Alegre, Libretos, 2008.
- MARTINI, S. *Periodismo, noticia y noticiabilidad*. Buenos Aires, Norma, 2000.
- MEYER, P. *Os jornais podem desaparecer? Como salvar o jornalismo na era da informação*. São Paulo, Contexto, 2004.
- NEVEU, E. *Sociologia do Jornalismo*. Porto, Porto Editora, 2003.

PEREIRA Jr, L. C. *A apuração da notícia: métodos de investigação na imprensa*. Petrópolis, Ed. Vozes, 2006.

RODRIGUES, A. D. "O acontecimento". In: TRAQUINA, N. (org.). *Jornalismo: questões, teorias e "estórias"*. Lisboa, Vega, 1993.

RODRIGUEZ, P. *Periodismo de investigación: técnicas y estrategias*. Editorial Piados, Madrid, 1994.

SANTOS, R. "Práticas produtivas e relacionamento entre jornalistas e fontes de informação". In: TRAQUINA, N.; CABRERA, A.; PONTES, C.; e SANTOS, R. (orgs.). *O jornalismo português em análise de casos*. Lisboa, Ed. Caminho, 2001.

SEIXAS, L. "Redefinindo os gêneros jornalísticos: proposta de novos critérios de classificação". Disponível em: <http://www.livroslabcom.ubi.pt/pdfs/seixas-classificacao-2009>. Acessado em: 8 agosto 2012.

SOUSA, J. P. "Uma história breve do jornalismo no Ocidente". *Biblioteca On-Line de Ciências da Comunicação*. 2008. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-uma-historia-breve-do-jornalismo-no-ocidente.pdf>. Acessado em: 18 mai. 2012.

SPONHOLZ, L. *Jornalismo, conhecimento e objetividade: além do espelho e das construções*. Florianópolis, Insular, 2009.

TRAQUINA, N. *Teorias do Jornalismo: a tribo jornalística, uma comunidade interpretativa transnacional*. Florianópolis; Editora Insular, v. II, 2005.

TRAVANCAS, I. "Fazendo etnografia no mundo da comunicação". In: BARROS, A.; DUARTE, J. *Métodos e técnicas da pesquisa em comunicação*. São Paulo, Ed. Atlas, 2006.

TUCHMAN, G. *La producción de la noticia: Estudio sobre la construcción de la realidad*. Barcelona, Editorial Gustavo Gili, 1983.

WOLF, M. *Teorias da comunicação*. Lisboa, Editorial Presença, 1995.

WOLFE, T. *The New Journalism*. Londres, Picador, 1975.